

# Eira Pedrinha

## Actas das III Jornadas de Valorização do Património Cultural Material, Imaterial e Natural de Eira Pedrinha

Condeixa-a-Velha / Condeixa-a-Nova

23 sábado e 24 domingo de Abril de 2016



Pormenor do alto-relevo medieval de S. Jorge

# Eira Pedrinha

**Actas das III Jornadas de Valorização  
do Património Cultural Material,  
Imaterial e Natural de Eira Pedrinha**

Condeixa-a-Velha / Condeixa-a-Nova

23 sábado e 24 domingo de Abril de 2016

**Organização:** Associação Ecomuseu de Condeixa. Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova. União das Freguesias de Condeixa-a-Velha e de Condeixa-a-Nova. Rancho Folclórico e Etnográfico de Eira Pedrinha. Comissão de Melhoramentos de Eira Pedrinha. Unidade Pastoral de Conímbriga

**Apoios:** Artis – Instituto de História da Arte - Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa. Go Outdoor – Floema - Alcabideque. Universidade do Porto. Instituto de Arqueologia - Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património - Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra. Instituto de Investigação Científica Tropical. Confraria da Couve de Castelo Viegas. Agrupamento de Escuteiros de Condeixa-a-Nova. Agrupamento de Escolas de Condeixa







## ÍNDICE

<b>Abertura</b> .....	05
<b>Saudação Musical. Concerto para Estudante, nº 2, de Friedrich Seitz, Op. 13. 3º Andamento. Violino.</b> Pedro Miguel Simões dos Santos .....	07
<b>Breve referência ao Museu Etnográfico.</b> Milu Teodósio .....	09
<b>Comissão de Melhoramentos – Subsídios para sua história. Actual Direcção.</b> António Vizeu, Pedro Bacalhau .....	11
<b>Historial do Rancho Folclórico e Etnográfico de Eira Pedrinha.</b> João Lima .....	14
<b>Recital de Poesia de Manuel dos Santos na Capela de Eira Pedrinha.</b> Manuel dos Santos, Fátima Bandeira .....	16
<b>Música e fraternidade no contexto do Coro da Igreja de Condeixa-a-Velha - Unidade Pastoral de Conímbriga.</b> Joana Isabel Navarro .....	20
<b>Palestra sobre o Alto-relevo medieval de São Jorge da Capela de Eira Pedrinha.</b> Vítor Serrão .....	22
<b>Estudo material da policromia do retábulo de São Jorge da Capela de Nossa Senhora da Piedade de Eira Pedrinha.</b> Francisco Gil, José Paulo Domingues .....	24
<b>Ex-voto à Senhora da Piedade, Eira Pedrinha, 1871.</b> Ana Faria .....	32
<b>Elementos arquitectónicos e de mobiliário litúrgico reaproveitados na construção da Capela de Eira Pedrinha.</b> Lícinia Wrench, Miguel Pessoa .....	36
<b>Candelária. Festa de Nossa Senhora da Piedade, das Candeias ou da Luz.</b> Soledade Martinho Costa .....	39
<b>Percurso pedestre: Museu Etnográfico, “Castelo”, Capela da Senhora da Piedade, Nascente da Raposeira, Estrada do Marco, Cabaneiras, Vinha da Maria da Luz, Costa, Abrigo Pré -Histórico de Covão de Almeida, Antiga Gruta do Parque, Várzeas, Paul, Almas, Comissão de Melhoramentos.</b> Manuel dos Santos, Manuel Ferreira, Lia Teodósio, Mariana Teodósio .....	40
<b>O “Castelo” de Eira Pedrinha.</b> Fernanda Marcedo .....	42
<b>Moinhos e desalinhos.</b> Manuel dos Santos .....	43
<b>Marco de demarcação seiscentista das antigas propriedades do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Cabaneiras.</b> Miguel Pessoa .....	45
<b>Visita às Grutas.</b> Isabel Vizeu .....	46
<b>Revitalização da Gruta de Eira Pedrinha. Estudo prévio realizado em 1998 para candidatura ao programa Leader II. Terras de Sicó. Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova</b> .....	47
<b>Um passado remoto para um presente em perspectiva. Arqueologia Pré-histórica de Eira Pedrinha / Condeixa-a-Nova.</b> Raquel Vilaça .....	49
<b>Evocando Eira Pedrinha.</b> António A. Huet B. Gonçalves .....	57
<b>Louvor aos férteis campos de Eira Pedrinha.</b> Carlos Ferreira .....	63
<b>Cooperativa Agrícola de Condeixa e Penela. Uma palavra aos produtores.</b> António Lucas, Helena Coimbra .....	66
<b>Eira Pedrinha - Tres Pintores: “Kim Galaitas”, “Minda Lavado” e “P. Afonso”.</b> Joaquim Ventura, Arminda Andrade, Paulo Afonso .....	68
<b>Grupo de Fados de Coimbra – Velha Guarda Coimbrã. Canto e Instrumental. Lembrar José Eliseu, José Afonso, Luís Góis e José Machado Soares.</b> Arnaldo Carvalho, Alcides Cruz, Francisco Dias .....	71
<b> Lançamento das Actas das II Jornadas de Valorização do Património Cultural, Material, Imaterial e Natural de Alcabideque, realizadas a 11 e 12 de Abril de 2015. Apresentação.</b> Idalino Simões .....	73
<b>Eira Pedrinha e os Melo, família de gaiteiros originária do lugar da Barreira, Condeixa-a-Nova, e da Ribeira de Frades, Coimbra.</b> Henrique Oliveira, António Freire .....	75
<b>Recortes de imprensa</b> .....	83
<b>Programa das III Jornadas de Valorização do Património Cultural, Material, Imaterial e Natural de Eira Pedrinha</b> .....	84
<b>Eira Pedrinha - Um ano em memórias.</b> Maria de Fátima Simões da Silva .....	Badana da Contracapa
<b>Ficha Técnica</b> .....	Badana da Capa





## UM PASSADO REMOTO PARA UM PRESENTE EM PERSPECTIVA. ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA DE EIRA PEDRINHA / CONDEIXA-A-NOVA



Raquel Vilaça, docente do Instituto de Arqueologia - Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra, e António Huet Bacelar Gonçalves, Conservador do Museu de Arqueologia - Faculdade de Ciências - Universidade do Porto, no momento da intervenção acerca do valor dos achados pré-históricos de Eira Pedrinha

### 1. Um Passado remoto para um Presente em perspectiva

A arqueologia da região de Eira Pedrinha, em particular a arqueologia relativa às primeiras ocupações humanas, faz parte, de há muito, da bibliografia científica da especialidade. Será certamente mais desconhecida dos que vivem, convivem e trabalham diariamente na zona, para quem estes testemunhos mais remotos de um Passado — que é de todos — nem sempre se afiguram totalmente compreensíveis e são até, por vezes, desprezados. O desprezo anda frequentemente de mão dada com a ignorância.

Todavia, não raras vezes são os habitantes locais, bem conhecedores da sua terra, dos seus campos e da transformação por que estes passam em cada estação do ano e no devir do tempo, que alertam e fazem chegar o seu eco aos arqueólogos, ou a quem possa a eles aceder, dando pistas, mostrando materiais, assinalando algo de mais estranho no terreno... Nem sempre conseguem identificar o que encontram, mas percebem que, intrinsecamente, esses materiais, ou essas estruturas, possuem valor patrimonial. Sabem que são um sinal do Passado.

E, se esses habitantes conhecerem ainda melhor a história da sua terra, mais facilmente a poderão amar e, por conseguinte, dela cuidar. Os habitantes e, bem entendido, as instituições políticas, associativas e culturais que os enquadram e representam. Cuidar é proteger, é não destruir, sendo certo que os vestígios materiais deixados pelos nossos antepassados são únicos, irrepetíveis. Uma vez perdidos, ou destruídos, são irrecuperáveis e insubstituíveis. Por isso, e mesmo antes de serem estudados, há que os preservar.

Uma “Casa das Memórias de Eira Pedrinha” ajudaria a reunir, neste âmbito específico da materialidade arqueológica e em conexão com as demais “memórias” o que possa andar disperso por várias mãos e não tenha ainda encontrado um lugar de acolhimento público, de partilha. A existência de materiais arqueológicos encontrados na zona de Eira Pedrinha (ou que possam a ela reportar-se) em instituições museológicas tem assegurado, ao longo de décadas e como lhes compete, a preservação desses testemunhos, mas essa dispersão constitui também factor de distanciamento em relação às suas origens.

Sem grande esforço, é possível inventariar, no mínimo, seis instituições com materiais de Eira Pedrinha: em Coimbra, Museu Nacional de Machado de Castro, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras e antigo Instituto de

Antropologia, da Faculdade de Ciências; em Lisboa, Museu Geológico - LNEG; no Porto, Museu de História Natural da Universidade do Porto (antigo Museu de Arqueologia e Antropologia Mendes Corrêa); em Castelo Branco, Museu de Francisco Tavares Proença Júnior. Só neste último caso os materiais estão expostos.

Uma mostra pública de conjunto para memória presente e futura, necessariamente temporária, e sendo alvo de registo — mais tradicional em forma de catálogo e, bem assim, filmada, tirando partido das diversas potencialidades hoje existentes nesse domínio —, bem merecia ser promovida e ajudaria o reencontro do Presente e do Passado num só.

Este pequeno texto<sup>5</sup> é perspectivado nessa dimensão mais democrática, a de alargar o leque dessas memórias, a de fazer chegar a um maior número de pessoas certas facetas do conhecimento, naturalmente filtrado por quem o transmite, relativo aos vestígios dos primeiros habitantes da região onde nasceu e cresceu Eira Pedrinha.

## 2. Os primeiros sinais

Esses primeiros habitantes obrigam-nos a recuar no tempo cerca de sete milénios, pelo menos, levando-nos à Pré-história e, mais especificamente, ao que chamamos Neolítico.

Mas antes de irmos ao seu encontro, vejamos de que forma e desde quando esses habitantes vieram até nós, quer dizer, há quanto tempo sabemos da existência do rasto da sua passagem e estadia nesta região.

Há mais de 150 anos que se conhecem notícias de achados arqueológicos em Eira Pedrinha e Condeixa. Não é de estranhar, pela sua importância a nível geológico, que os primeiros sinais tenham sido recolhidos em grutas calcárias, tão abundantes na zona. As grutas protegem e o ambiente calcário concorre numa melhor preservação de certos materiais, como os ossos.

Precisamente, a propósito das “Grutas de Condeixa”, Costa Simões (1854: 43-45) reporta-se a três — “Gruta nova”, “Lapinha” e “Gruta da Eira Pedrinha” — nas quais apareceram ossos humanos e “objectos de arte”. Nunca ficou esclarecido a que época correspondiam, mas o mais natural, e por achados ocorridos posteriormente, é terem pertencido a tempos pré-históricos.

Nesta mesma região, e como é bem sabido, destaca-se Conimbriga, conhecida, acima de tudo, como cidade romana. Mas sabemos também que antes dos Romanos o lugar foi ocupado em finais do II milénio a.C. e ao longo do milénio seguinte, findo o qual aqueles se instalaram (Correia, 1993). Bem antes, no III milénio a.C., quando o primeiro metal (cobre e ouro) começou a ser fundido, além de martelado, contribuindo também para um crescendo de desigualdades sociais, o planalto fora igualmente procurado, conforme demonstraram alguns materiais resultantes de escavações realizadas nos anos Oitenta do séc. XX na zona do designado “bico” da muralha (Arruda, 1988-89: 94).

Ora, em finais do séc. XIX é publicada notícia de um machado plano de cobre atribuído a Condeixa-a-Velha (Bem-Saúde, 1888-1892). Se bem que sejam desconhecidas as suas condições de achado, não desconsideramos a hipótese de poder ser oriundo dessa ocupação mais antiga de Conimbriga. A peça, então analisada, foi incorporada, por oferta, no antigo Museu dos Serviços Geológicos, em Lisboa (Veiga, 1891: 155) e posteriormente estudada (Monteagudo, 1977: 36 est. 6-113) (Figura 1).

Por aquela altura, e muito em especial a partir de 1899, só Conimbriga era alvo de escavações. Casualmente encontravam-se, decerto no amanho da terra ou na exploração da pedra, outros materiais pré-históricos, que os populares vendiam, por vezes. Assim se foram conservando também algumas peças interessantes, como as que Tavares Proença adquiriu em 1906 e que levou para Castelo Branco, em cujo museu se conservam. São machados de pedra, alguns em fibrolite (matéria-prima de grande valor) que, do nosso ponto de vista, tanto podem reportar-se a Conimbriga (à sua fase de ocupação mais antiga), como às grutas de Eira Pedrinha, hipótese esta admitida pelos autores do estudo (Correia e Buraca, 2004: 119).

## 3. A “dupla” Manuel Egas / Vergílio Correia

Nas primeiras décadas do séc. XX o achado casuístico de materiais arqueológicos pré-históricos (e não só) prossegue. Nesta fase destacam-se duas pessoas que, de certa forma e cada qual com seu interesse, não deixaram de fazer “equipa”, importando-nos o resultado dessa interação.

Ao longo dos anos Trinta, sobretudo, Manuel Egas, de Eira Pedrinha, que explorava pedreiras nas vizinhanças, vendeu por diversas vezes a Vergílio Correia, professor na Universidade de Coimbra, machados de pedra polida, facas de sílex, cerâmicas, restos ósseos. Na segunda metade dos anos Oitenta do séc. XX, pudemos ainda confirmar com a filha do primeiro, senhora D. Cecília Egas, essa prática recorrente de venda de objectos. Outros materiais foram ofere-

5 Foi com grande gosto que apresentámos, a 24 de Abril de 2016 em Eira Pedrinha, e com “casa cheia”, algumas das pistas que este texto agora acolhe. Agradecemos ao arqueólogo Miguel Pessoa o convite e a oportunidade que nos proporcionou nesta “revisitação”. Agradecemos igualmente ao Dr. José Luís Madeira todo o apoio na elaboração e tratamento das imagens.



cidos pelo proprietário do terreno. Ascendendo a mais de uma centena e todos eles recolhidos em Eira Pedrinha, mas com localização precisa desconhecida, pertencem hoje ao Museu Nacional Machado de Castro, Coimbra<sup>6</sup>, do qual Vergílio Correia também era então responsável (Correia, 1943).

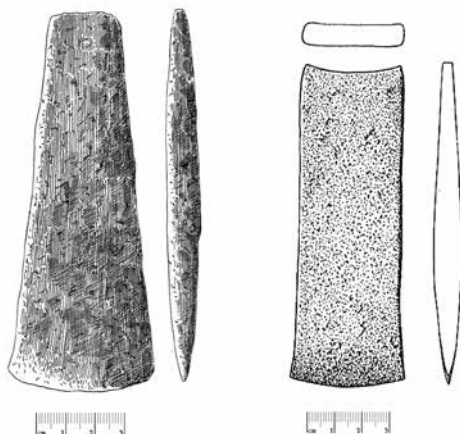


Figura 1 – Machados planos de cobre atribuídos a Condeixa-a-Velha (à esquerda) e a Eira Pedrinha (à direita), segundo Estácio da Veiga (1891) e Monteagudo (1977), respectivamente

Entre as peças merecem referência alguns dos fragmentos cerâmicos, cujas características técnicas e morfológicas, e muito em especial a decoração feita com a impressão de casca de berbigão (designadas “cerâmicas cardiais”, nome derivado de *cardium*, berbigão, em latim) e com impressões a pente, atestam a chegada das primeiras comunidades neolíticas, entre o VI e o V milénios a.C. (Figura 2).

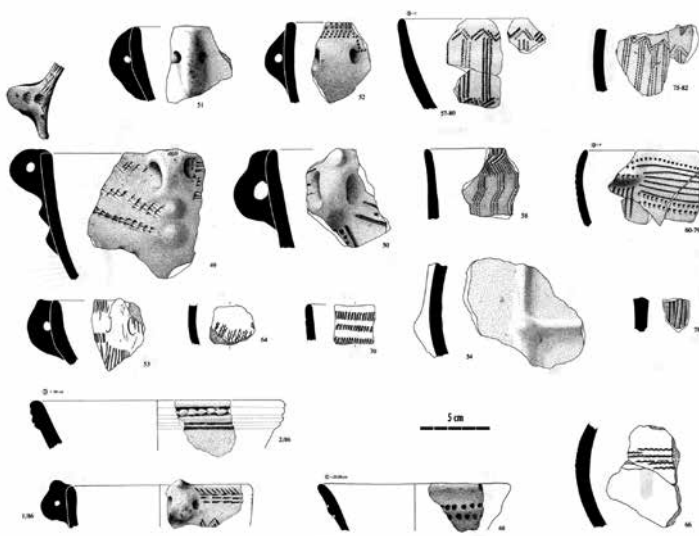


Figura 2 – Materiais cerâmicos de Eira Pedrinha (recolhas diversas), segundo Vilaça (1988)

6 Informação confirmada pela autora no Arquivo (Livros de inventário) do Museu Nacional Machado de Castro, com recolha de dados complementares: materiais adquiridos a Manuel Egas, em Março de 1933 e outros, no mesmo ano (Livro n.º 4, p. 73). Outros foram adquiridos por Francisco Veríssimo em Junho de 1935 (Livro n.º 4, p. 82). A 30 de Março de 1940, e adquirido a Manuel Egas, conta-se um fragmento de vasilha (Livro n.º 6).



Igualmente, mas testemunhando ocupação posterior de algum dos abrigos de Eira Pedrinha no III ou em inícios do II milénio a.C., deve ser mencionado um machado de cobre<sup>7</sup>. Recolhido numa das pedreiras (Correia, 1943: 130), não o conseguimos localizar aquando de uma pesquisa inicial (Vilaça, 1988: 17 e nota 10), tendo sido mais tarde encontrado; mas não tivemos ocasião de o analisar directamente (Vilaça, 1990: 114, nota 1). É um machado plano, do tipo 4B de Monteagudo (1977: 56, est. 16-290) (Figura 1).

Estes diversos elementos periodicamente recolhidos ao longo de várias décadas no aro mais circunscrito de Eira Pedrinha não podiam deixar de denunciar a existência de importante e continuada ocupação pré-histórica entre o VI-V milénios e o III-II milénios a.C. Mas eram, todas elas, peças soltas, desconexas, faltando algo que as estruturasse, que lhes conferisse um contexto e um lugar precisos.

#### 4. Finalmente, escavações arqueológicas

Em 1945, e pela primeira vez, são feitas escavações científicas, num lugar, com um contexto preciso: o “Covão d’Almeida” (Correia e Teixeira, 1949) (Figura 3). A este abrigo serão decerto reportáveis alguns daqueles materiais avulsos antes mencionados. Mas não só.



Figura 3 — O “Covão d’Almeida”: imagem das escavações de C. Teixeira e Mendes Corrêa (1949) sobre fotografia da intervenção de Vilaça (1988)

O facto de haver referência a achados em abrigos de Eira Pedrinha significa que a ocupação pré-histórica não se circunscreeu a um só lugar, a que também não são alheias várias lendas. Pelo contrário, as ocupações mais antigas deverão ter sido disseminadas por núcleos ao ar livre ou em pequenos abrigos. Nós próprios tivemos ocasião de recolher junto à estrada entre o Covão d’Almeida (mas já dele distante) — o grande e mais importante abrigo — e a aldeia dois fragmentos cerâmicos do Neolítico Antigo, justamente na área onde tinham sido exploradas pedreiras e achados alguns dos materiais hoje no Museu Nacional Machado de Castro, conforme nos confirmou a Sr.<sup>a</sup> D. Cecília Egas (Vilaça, 1988: fig. 1.1-86, 2.2-86).

Portanto, tudo aponta para a existência de vários sítios com ocupação em épocas distintas ao longo da Pré-história.

7 Em Novembro de 1938 é adquirido o machado de cobre (0,12 x 0,26 cm) a Manuel Ega (Livro n.º 4, p. 114).



Uns, reportam-se ao Neolítico Antigo, já lá vão cerca de 7 000 anos. De momento, é difícil localizá-los com rigor. Então, continuava-se a colher os frutos da Natureza, da terra, do mar, dos rios, dando continuidade a um passado ainda mais antigo e prolongado. Mas, pela primeira vez, também amanhava-se a terra, cuidava-se dos animais. Um novo sistema económico, produtivo, impunha-se face a um modo de vida predador, o único até então conhecido. O barro moldava-se e a pedra ainda se lascava, mas a invenção da técnica do polimento da pedra permitiu o fabrico de novos instrumentos imprescindíveis ao trabalho agrícola, como machados e enxós. A ocupação mais persistente do território estava em curso e aí radica a emergência dos primeiros aglomerados estáveis. Crenças e formas distintas de ver o mundo reestruturavam-se.

Outros, em concreto e pelo menos o “Covão d’Almeida”, com utilização essencialmente mais tardia, de finais do Neolítico e do Calcolítico (ver texto de António Huet Gonçalves, neste volume) e, depois ainda, no Bronze Final, ou seja, IV-III milénios a.C. e finais do II - inícios do milénio a.C. Identificado o abrigo por Carlos Teixeira, autorizadas as escavações pelo proprietário, Joaquim Agostinho, avançaram estas trazendo ao conhecimento um lugar de que sobressai a sua natureza funerária (Corrêa e Teixeira, 1949). Trata-se de um abrigo virado a norte (comprimento 9 m; largura 4,5 m; altura 5 m) cujo espaço foi escolhido para dar abrigo aos mortos, ou, talvez antes, a alguns dos mortos.

O lugar foi utilizado, ou visitado, por diversas vezes, mas a ocupação mais significativa parece incidir no III milénio a.C., quando as desigualdades sociais, incluindo as que se baseavam na idade e no género e não apenas no poder socioeconómico ou político, se demarcavam pelo tratamento diferencial, também na morte. Alguns dos materiais denunciam essa excepção, como indicam as cerâmicas “campaniformes” (assim designadas pela forma similar a uma campânula ou sino), pertencentes aos Grupos Internacional e Palmela (e ainda um campaniforme liso, muito raro). Também o machado plano de cobre que o Museu Nacional Machado de Castro tem à sua guarda, justamente por corresponder a um material então ainda muito raro — o metal —, poderá articular-se com aquelas cerâmicas de prestígio.

Bem mais de 150 indivíduos, ou seus restos, foram aí sepultados (Corrêa e Teixeira, 1949: 12; Fernandes, 1990). As deposições terão sido sucessivas, originando grande acumulação de ossos, que resultaram sobretudo de transladações parciais de outros locais, formando aí ossuários. Por conseguinte, não é seguro que tenham existido verdadeiras sepulturas primárias no Covão d’Almeida. Cabe ainda assinalar a existência de crânios infantis (Fernandes, 1990), expressão de assinalável coesão familiar, onde sentimentos de pertença e de hereditariedade iriam acompanhar as novas formas de estruturação social que, nas fases seguintes, se afirmariam (Vilaça, 1990).

Entre 1945 e 1986 o Covão d’Almeida foi alvo de revolvimentos clandestinos, motivados pela curiosidade, ou com outros propósitos. Em qualquer dos casos levaram a destruições que conduziram, por iniciativa do então Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro, a uma intervenção arqueológica para limpeza e avaliação (Vilaça, 1988; 1990) (Fig. 3). Verificou-se que estava tudo praticamente revolvido, tendo sido destruído, inclusive, o testemunho deixado aquando da primeira escavação arqueológica. Apenas num canto se conservavam alguns ossos, em especial crânios de adultos e infantis, como já referimos.

Existem indícios, concretamente cerâmicas, de que este importante sítio foi de novo ocupado na viragem do II para o I milénio a.C., fase que os arqueólogos designam por Bronze Final. Desses testemunhos conhecem-se referências (Marques e Andrade, 1974: 139; VV.AA., 1979: 229), tendo sido igualmente recolhidos alguns outros com idêntica cronologia na última intervenção arqueológica (Vilaça, 1988: 19; 1990: 111 e est. VII-175). Em conjunto, aguardam ainda estudo global, estando também em aberto se a sua natureza terá sido de cariz funerário ou habitacional, aspecto este de difícil determinação.

Qualquer que tenha sido o seu tipo de contexto, importa sublinhar a relevância como testemunho da ocupação desse lugar na longa diacronia. Desse lugar, e não só.

## 5. Novas prospecções, novos achados

Efectivamente, no ano de 2011 o aro de Eira Pedrinha voltou a ser prospectado sob nossa orientação, dessa vez no âmbito específico de trabalho académico do Mestrado de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra levado a cabo por Rita Leal e Carlos Pires.

O achado de uma peça de bronze (**Figura 4**) no Castelo, ou Alto do Castelo, de Eira Pedrinha, além de alguns fragmentos de cerâmica manual lisa, denunciava ocupação de há cerca de 3 000 anos (Bronze Final) e corroborava, também assim, as notícias sobre a potencialidade desse morro ser um castro ou povoado proto-histórico (Gaspar, 1983: 189). Trata-se de pequeno outeiro de topo aplanado, com 107 m de altitude, que se ergue sobre tufos calcários e arenitos dominando a fértil várzea envolvente (**Figura 5**). O seu papel como atalaia vigilante do território envolvente é muito provável.

A peça metálica, fragmentada (comp. 3,6 cm; larg. máx. 3 cm; esp. 0,4 cm.; peso 12 g (Leal e Pires, 2011), que análises elementares por Fluorescência de Raios-X de energia dispersiva (método que permite identificar o tipo de metal) revelaram corresponder a uma liga de cobre (79,3%) e estanho (20,5%), contendo outras impurezas, possui bordos rectos e gume irregular ligeiramente dissimétrico. Este gume permitia o corte de sólidos flexíveis, como peles, couros, cabedais e até, talvez, o desbaste de madeiras. Admite-se igualmente a possibilidade de poder corresponder a navalha de barbear. Na terminologia arqueológica tem-se adoptado a designação francesa de *tranchet* (Vilaça, 2012: 20, fig. 2).

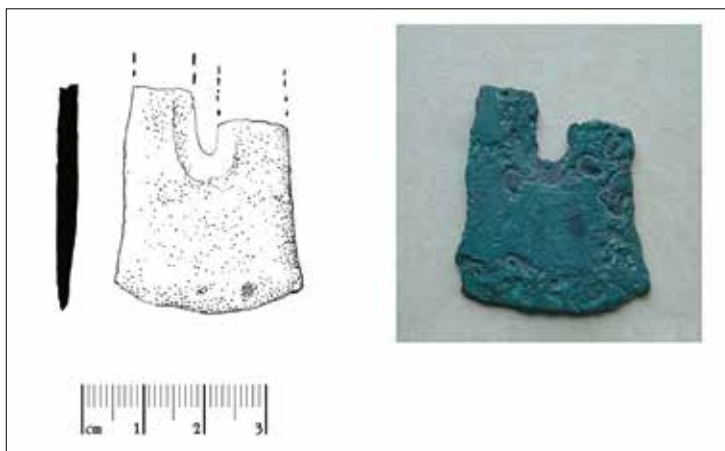


Figura 4 – Lâmina de *tranchet* em bronze proveniente do Alto do Castelo (desenho de José Luís Madeira)



Figura 5 – O "Alto do Castelo" visto aproximadamente de Sudoeste (2011)

Independentemente da função específica, ou funções, este achado junta-se às duas dezenas de *tranchets* de idêntica tipologia conhecidos no Centro-Sul do Ocidente Peninsular, região de franco dinamismo na produção e circulação de muitos outros artefactos de bronze, numa altura em que os contactos entre distintas regiões, mesmo afastadas entre si, desde o Atlântico ao Mediterrâneo, parecem ter sido uma realidade (Vilaça, 2009).

A essa mesma realidade podemos vincular outras produções de bronze encontradas na região, como a foice de Conimbriga (Coffyn, 1978), ou os braceletes e argolas da gruta de Medronhal, Arrifana (Vilaça *et al.*, no prelo), lugares ambos indissociáveis, pela sua global contemporaneidade, do Alto do Castelo e da última ocupação do abrigo do Covão d'Almeida. Futuramente, um estudo mais aprofundado sobre as dinâmicas da ocupação do espaço durante o Bronze Final da actual área do concelho de Condeixa-a-Nova não poderá deixar de se questionar sobre as relações (de igualdade?, de subordinação?) do Alto do Castelo com Conimbriga.



## 6. Nota final

Em síntese, os testemunhos mais antigos do povoamento de Eira Pedrinha, que remontam ao VI-V milénios a.C., estão representados pelas primeiras produções cerâmicas, em regra decoradas, muito possivelmente também associadas a uma economia produtiva de domesticação de animais e de cultivo da terra. As informações que foi possível recolher apontam para a existência de distintos núcleos, em abrigos ou não, sobressaindo o “Covão d’Almeida”.

São vestígios enquadráveis num mesmo fenómeno mais global, que afectou também regiões vizinhas, como as vertentes meridionais da serra da Boa Viagem, na Figueira da Foz, onde pontuam sítios ao ar livre, como Junqueira e Várzea do Lirio, ou mais a sul, na zona de Pombal, onde sobressai a ocupação em grutas, caso da Buraca Grande.

Esses grupos humanos dificilmente reuniam mais de três, quatro dezenas de pessoas, admitindo-se que possam ter resultado de migrantes. O território, que então passava por um processo de descoberta e ocupação, não se terá limitado aos lugares habitados, mas parece ter comportado outras estratégias. A deposição deliberada, certamente de índole ritual, de recipientes cerâmicos isolados, prática que ascende a oito situações conhecidas em Portugal (Carvalho, 2011), encontram no caso do vaso de Casével, Condeixa-a-Nova um notável testemunho (Pessoa, 1983).

Durante os IV e III milénios a.C. a região continuou a ser ocupada, destacando-se o importante abrigo do “Covão d’Almeida”, frequentemente designado por abrigo de Eira Pedrinha. A sua natureza foi funerária, tendo acolhido múltiplos corpos, em contexto secundário. As comunidades que aí depositaram os seus mortos deveriam viver por perto, em local ainda não identificado, não sendo de rejeitar, todavia, que esse local possa corresponder a Conimbriga, onde foram encontrados materiais dessa mesma época. Então, os grupos humanos organizavam-se de modo mais estruturado e estabilizado, dependendo fortemente da terra, e dos seus recursos. Concomitantemente, alargavam-se os contactos com outras regiões, nas quais, por exemplo, se buscaria o cobre, só para alguns, os mais “poderosos” (com mais elevado estatuto social/ consideração social). Também por isso, as desigualdades sociais foram acentuando-se.

As novas práticas tecnológicas, incorporando a metalurgia do cobre e do bronze, tornaram-se, ao longo do milénio seguinte e muito em particular na sua fase final, uma actividade de capital importância. Entre finais do II e inícios do I milénio a.C. é perceptível a existência de uma rede de lugares regional, por sua vez articulada com outras redes mais alargadas de povoamento. A plena integração de Eira Pedrinha, concretamente do seu “Castelo” e do “Covão d’Almeida”, nessas redes e nas dinâmicas socioeconómicas e políticas da época, é indiscutível. Indiscutível é também a continuada ocupação da região em épocas subsequentes, permitindo-nos dizer que, de certa forma, é milénar a origem de Eira Pedrinha.

Dessa origem, tão remota, restam poucos testemunhos, mas são testemunhos que dão sentido à nossa identidade. Há que os preservar, investigar e divulgar. Nenhum de nós o pode fazer sozinho, ou o pode fazer plenamente bem, sozinho. Mas todos, sim. Poderes políticos, associativos, culturais; a população e os arqueólogos.

Dessa origem tão remota, habitada por comunidades tão distintas de nós, ficará sempre muito por contar. Ou porque dela pouco (às vezes nada) conhecemos, ou porque o que conhecemos, ou julgamos conhecer, nem sempre é entendível por nós.

Por isso, nos identificamos tão bem com as palavras de Sérgio Godinho:

*“O passado é um país distante  
que distante é a sombra da voz  
passado é a verdade contada  
por outro de nós”*

**Raquel Vilaça** – Instituto de Arqueologia. Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. CEAACP/FCT. rvilaca@fl.uc.pt

## BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, A.M. (1988-89) — Conimbriga: escavações de 1988-89, Portugal, nova série, IX-X, p. 93-100.
- CARVALHO, A.F. (2011) — Produção cerâmica no início do Neolítico de Portugal. In Bernabeu-Aubán, J., Rojo Guerra, M., Molina Balaguer, L. (coord.), *Las primeras producciones cerámicas: el VI milénio cal AC en la Península Ibérica [Saguntum extra 12]*, València, p. 237-252.
- COFFYN, A. (1978) — Une faucille de l’âge du Bronze à Conimbriga, *Revista de Guimarães*, LXXXIII, p. 365-369.
- COFFYN, A. (1985) — *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Paris, Diffusion de Boccard, Publ. Centre Pierre Paris, 11, col. Maison Pays Ibériques, 20.
- CORRÊA, A.M. e TEIXEIRA, C. (1949) — *A jazida pré-histórica de Eira Pedrinha (Condeixa)*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- CORREIA, V. (1943) — O Neo-Eneolítico de Eira Pedrinha, *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências - Quarto Congresso*, tomo VIII, Porto, p. 130-131 [Obras, IV, 1972, p. 77-78].
- FERNANDES, T. M. (1990) — Restos Antropológicos do Covão d’Almeida, *Antropologia Portuguesa*, 8, p. 133-143.

- CORREIA, V.H. (1993) — Os materiais pré-romanos de Conímbriga e a presença fenícia no Baixo vale do Mondego. *Estudos Orientais [Os Fenícios no Território Português]*. Lisboa IV, p. 229-283.
- GASPAR, J.M. (1983) — *Condeixa-a-Nova de Augusto dos Santos Conceição*, Porto.
- LEAL, R. e PIRES, C. (2011) — O *tranchet* do Alto do Castelo, Eira Pedrinha (Condeixa-a-Nova), “poster” apresentado nas *II Jornadas de Pré e Proto-história da FLUC*, Coimbra.
- MARQUES, G. e ANDRADE, G.M. (1974) — Aspectos da Proto-história do território português, *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, I, Porto, p. 125-148.
- MONTEAGUDO, L. (1977) — *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. München, C.H.Beck'sche Verlagsbuchhandlung (Prähistorische Bronzefunde IX; Band 6).
- PESSOA, M. (1983) — Vaso neolítico de Casével, *Arqueologia*, 7, Porto, p. 16-23.
- SIMÕES, A.A. da Costa (1854) — Grutas de Condeixa, *O Instituto*, II, p. 43-45.
- VEIGA, S.E. (1891) — *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*, IV, Lisboa, Imprensa Nacional.
- VILAÇA, R. (1988) — *Subsídios para o estudo da Pré-História Recente do Baixo Mondego*, Trabalhos de Arqueologia 05, Lisboa, IPPC.
- VILAÇA, R. (1990) — Sondagem arqueológica no Covão d'Almeida (Eira Pedrinha, Condeixa-a-Nova), *Antropologia Portuguesa*, 8, p. 101-132.
- VILAÇA, R. (2008) — No rasto do Bronze Final do Centro-sul da Beira Litoral: artefactos metálicos e seus contextos. In Callapez, P.M. et al. (eds.), *A Terra: conflitos e ordem. Homenagem ao Professor Ferreira Soares*, Coimbra, p. 75-88.
- VILAÇA, R. (2009) — Sobre os *tranchets* do Bronze Final do Ocidente Peninsular, *Portugália*, nova série, XXIX-XXX, p. 61-84.
- VILAÇA, R. (2012) — Arqueologia do Bronze no Centro-Sul da Beira Litoral e Alta Estremadura (II-I milénios a.C.). *Actas do Colóquio Olhares sobre a História, a Arqueologia e a Geologia de Vila Nova e da Serra da Lousã*, Vila Nova/Miranda do Corvo, p. 16-32.
- VILAÇA, R. e CUNHA-RIBEIRO, J.P. (2008) — Das primeiras ocupações humanas à chegada dos Romanos à Beira Litoral. In Vilaça e Cunha-Ribeiro (coords.), *Das primeiras ocupações humanas à chegada dos Romanos à Beira Litoral / From the earliest human occupations to the Romans' arrival to the Beira Litoral [Territórios da Pré-história em Portugal]*, vol. 4], Tomar, Arkeos, 23, p. 11-105.
- VILAÇA, R., CARDOSO, J.L., SILVA, A.M. (no prelo) — A Gruta do Medronhal (Arrifana, Condeixa-a-Nova) e a Arqueologia. In *Colóquio – História, Arte, Arqueologia, Geografia e Etnografia, Vergílio Correia in memoriam*. Condeixa-a-Nova.
- VV.AA. (1979) - *Actas da 1.ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, Porto, Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, n.º 3.



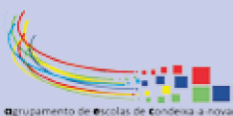
ASSOCIAÇÃO  
ECOMUSEU DE  
CONDEIXA



União das Freguesias de  
Condeixa-a-Velha e Condeixa-a-Nova



CONDEIXA  
CÂMARA MUNICIPAL



CNE - Corpo  
Nacional de Escutas  
Agrupamento 1035  
Condeixa-a-Nova



Rancho Folclórico e Etnográfico  
Eira Pedrinha

